

O Vídeo Educativo: subsídios para a leitura crítica de documentários

Geraldo A. Lobato Franco*

Índice

| | | |
|---|---|---|
| 1 | Introdução | 1 |
| 2 | Para a leitura crítica de vídeo-documentários | 2 |
| 3 | Conclusão | 5 |

1 Introdução

Os documentários são apresentações cujo suporte em filme ou em vídeo, são construídos para fins de transferência ampla ou restrita de conhecimentos sobre determinados assuntos, geralmente culturais, científicos ou técnicos. A transferência é considerada ampla quando o tema é longamente explorado em diversos programas seriados, ou restrita, quando o tema é explorado, sem maiores detalhes, em um ou dois programas no máximo, vale dizer, em uma ou duas horas, aproximadamente.

Como apresentação fílmica os documentários foram muito comuns durante a Segunda Guerra Mundial, quando as tropas aliadas, em particular as norte-americanas, tiveram de ser treinadas rapidamente para lutar nos *fronts* inimigos. Lutou-se a guerra também no front da indústria do cinema, onde diversos filmes para o entretenimento das tropas

foram produzidos, ao mesmo tempo em que documentários e cursos filmados eram preparados, não só para aumentar o moral das tropas, como para ensinar diversos assuntos, entre outros, estratégias de combate, e uso, operação e manutenção de equipamentos e armamentos com alto poder tecnológico embutido.

Desde aquela época os documentários ficaram um pouco esquecidos, até quando, já nos anos cinquenta, houve a necessidade de se formar e informar rapidamente numerosas populações das grandes universidades e escolas secundárias, como também entreter a nova audiência televisiva noturna. Mostravam nas telas e telinhas não só simples experiências de laboratório como os recentes avanços da tecnologia norte-americana. Esses documentários eram preparados ou em laboratórios de cinema universitários ou pela própria indústria do cinema, e a sua utilização cingia-se ou as comunidades acadêmicas locais, ou a emissoras e redes de TV relativamente restritas em tamanho e potência de transmissão. Entretanto, viam-se não só cursos universitários de física, matemática, biologia e química, como programas sobre a corrida para a fabricação bem sucedida de foguetes, agricultura e urbanismo, enfim,

*Professor Universitário e Consultor em Tecnologias Educacionais

uma miríade de temas e assuntos científicos e tecnológicos.

Mais tarde, nos anos setenta, com o desenvolvimento do vídeo-teipe e vídeo-cassete, os documentários se tornaram mais sofisticados e com isto mais populares, especialmente ao serem produzidos pelos estúdios das emissoras de televisão educativa norte-americanas, inglesas, alemãs e francesas, que eram dirigidos para tal finalidade por serem tecnicamente melhor aparelhados.

Para que se tenha idéia do desenvolvimento do estado da arte, Frank Capra, diretor de cinema norte-americano, quando entrevistado, afirmava que a produção da Televisão Educativa (PBS) e das emissoras dessa rede norte-americana, responsáveis por filmes e documentários educativos, didáticos e de entretenimento, de curta e média metragens (vale dizer de 40 a 55 minutos), e em geral de cunho científico-culturais, estava naquele momento (fins dos anos setenta) no processo de saltar qualitativa e quantitativamente, de modo apreciável. Foi o que de fato aconteceu.

A arte do documentário das Tvs Educativas cresceu neste ambiente e no momento em que nos países primeiro mundistas as audiências se segmentavam entre o *show-business* e uma televisão voltada à cultura de diversas nações e ao saber da humanidade.

Passadas mais de duas décadas, somados os conhecimentos adquiridos e as experiências realizadas, acumulados *know-how* e *know-what*, o como e o quê fazer dos documentários, quais seriam as lições que se podem tirar, para se conceber uma programação consistente, sobretudo consciente e responsável pela missão educativa a ser cumprida?

Seguem-se algumas reflexões sobre esse

assunto, fruto da observação e do presenciar diário de programações da PBS - *Public Broadcasting System*, a maior agência de produção e distribuição de vídeo-documentários existente.

2 Para a leitura crítica de vídeo-documentários

A leitura crítica de vídeo ou tele-documentários depende exclusivamente da percepção e do entendimento do fator qualitativo que lhes seja atribuído. No vídeo educativo, na elaboração de documentários televisados e na sua apresentação, exige-se o fator qualidade em sua enésima potência.

Mas, que qualidade vem a ser essa? Por quê essa exigência tão estrita?

De fato, tratam-se de qualidades, no plural. Qualidades que se enlaçam numa fina e delicada trama, porem consistente às exigências mercadológicas que o produto impõe aos seus fabricantes, e que culmina com a apresentação do programa ou em broadcasting ou em circuito fechado. Este produto final, possui centenas de horas de planejamento, preparação e execução, que aí se refletem, culminando com a apreciação e reconhecimento da audiência.

Com o desenvolvimento das tecnologias eletrônicas e das técnicas de operação de equipamentos de pré e pós-produção, de gravação, enfim, de tudo que se faça necessário para que o produto final se torne extraordinariamente bom em termos de qualidade física e de conteúdo, ocorre que os documentários tenham avançado, desde a sua concepção fundamental de ferramenta de ensino, conforme originariamente pensado, até

se tornarem uma fonte de aprendizado prazeroso, conforme hoje se apresenta.

Com semelhantes avanços a mensagem tem se tornado mais cristalina, apesar do obstáculo maior, qual seja, a baixa definição da televisão. Por isso, a tecnologia sempre aliada a técnica tem sempre se colocado à disposição do conteúdo das mensagens. Aquilo que vai ser videografado é objeto de um planejamento e execução preciso e complexo, de modo que a compreensão e a retenção da mensagem por parte do público alvo se realize com um mínimo de esforço. O público, composto de todas as faixas etárias, possui algo em comum: a motivação, o interesse, e sobretudo a curiosidade, todos, como se sabe, elementos primordiais do aprendizado.

Os vídeo-documentários estão dirigidos a estudantes, donas de casa, aposentados, a uma multidão de pessoas que buscam o lazer que acompanha, indissolavelmente, o ato de aprender. É um lazer sadio que acontece em geral nas próprias residências do público-alvo, e que transmite mensagens cujo conteúdo seja rico em novas idéias, em conhecimentos excitantes, ambos fatores diretamente relacionados com o ato de aprender. A imagem sonorizada facilita semelhante situação, por tornar a telinha cheia *pregnant* por ser bonita, bem acabada e de fácil entender, tanto agradável esteticamente, quanto competente em termos racionais de passagem de novos e importantes, quase sempre, inéditos conhecimentos.

Com esta especialização de fazer bem este tipo de arte, aos poucos as metáforas visuais e sonoras, de mais rudes foram ressurgindo mais sutis, na medida em que o texto lido ou a sonorização musicada criavam com a imagem um *blend* uma combinação efici-

ente e eficaz em termos de transmissão de informações, além do já mencionado valor estético. Tanto tecnologia quanto técnica se colocaram inteiramente à serviço desse encontro não fortuito do lazer com o aprender.

Como em geral a apresentação de tele-documentários é realizada em broadcasting, o fenômeno do LDTV- *Low Definition Television* - televisão de baixa definição, tem por regra geral que todas as violações de ruído devam ser evitadas, exceto se parte integrante do script ou roteiro. Essa regra permite que se evitem alterações no ritmo de apresentação, seja ele mais ou menos vagaroso, mais ou menos detalhado, ou sonorizado desta ou daquela forma. Com isto se concede ao material a ser visto uma sintaxe que poderá ser tanto oculta como subentendida, dependendo de como a direção entenda o conteúdo e quanto deverá ser enfático para deixar um assunto transparente.

Vale a pena lembrar que todo este aparato tem por finalidade prender a atenção da audiência, fazendo com que ela se identifique com o programa. Também se presume que ela esteja confortavelmente instalada em suas residências e assistindo ao documentário que geralmente é veiculado entre as 19 e 22 horas. Nada seria de estranhar se esta audiência acusasse cansaço, o que poderia ser facilmente confundido com bem estar gerado, guardadas as referidas circunstâncias. O documentário visto em ambientes de trabalho ou de estudo oferece outras reações de sua audiências, variáveis de acordo com os costumes locais de salas de aula ou de outros tipos de ambiente assemelhados.

Assim, passa a existir o mito de que documentários são, por sua natureza, cansativos e induzem ao sono, e que, por isso, se apresentados em sala de aula, deveriam ser seg-

mentados a cada 15-20 minutos. Este mito nasce do fato que pouco se tem pesquisado, portanto desconhecido, que as platéias pouco ou nada reagem frente a uma novidade, ou a uma dosagem de conhecimentos novos passados em ambiente de LDTV.

Acredita-se que o público alvo não possa sequer reagir a uma verdadeira avalanche de novos conceitos, conhecimentos, ou fatos. Entretanto, contrariamente, a riqueza desses fatores está no cerne e é primordial aos tele-documentários. A sua audiência estará pronta para decodificar a mensagem, ou seja, colocar toda “a sua energia a serviço da decodificação, o que significa atividade e participação” caso ela se identifique e se envolva com o programa.¹

Mas o cansaço poderia se dar, por não se poder reagir prontamente ou por uma impotência latente? Ou, na verdade, nada disso acontece? Semelhantes preocupações serão objeto de futuros estudos mais detalhados a serem realizados.

É bem verdade que os documentários procurem evitar ao máximo a perturbação das audiências com atividades sonoras atípicas ou dissonantes à sintaxe definida, ou com imagens ou fenômenos estéticos, como os logotipos persistentes, desde há muito banidos da telinha, pois atrapalham a sua visualização, exceto se por uns rápidos segundos, ou ainda, muitos outros defeitos e efeitos, como já se disse, a menos que façam parte do script ou roteiro.

Mas, até que ponto se transferem informações, quando se está, também entretendo uma audiência? Ou será ao contrário? Em que medidas um e outro, informação versus

entretenimento, devem ser efetivados? Este é um dos segredos do negócio. O documentário fixa este paradoxo e dele se utiliza para fins pedagógicos. O paradoxo e a sua exploração, cada vez mais precisa, encerra a maior virtude do documentário, que, como gênero artístico novo, acredita e aposta na passagem de conhecimentos pelas vias mais sutis do prazer estético, sem que ninguém se dê conta de que esteja, paralelamente, sendo envolvido num processo de aprendizagem. O entretenimento, quando a audiência nele se identifica, torna-se auto-conhecimento. Estas são as qualidades primordiais do tele-documentário educativo.

Ademais, a produção seriada cuja temática possa ser retomada semanalmente, durante um período determinado (geralmente a estação do ano, conforme a tradição norte-americana), concede ao programa ainda outras qualidades. A variedade e a diversidade, refletem a riqueza indispensável para garantir a audiência, para que ela retorne assiduamente, na semana seguinte. Este é um fenômeno eminentemente participativo e que demonstra com naturalidade o tipo de competitividade existente entre as diversas redes e canais de TV disponíveis num horário determinado. Ganha audiência, em tese, o programa que tiver melhor qualidade.

Consta que tal efeito reprodutivo e repetitivo seja muito bem recebido por parte do público e dos produtores. Cerca de 140 projetos de programa são enviados anualmente à CPB - *Corporation for Public Broadcasting* - Corporação para broadcasting público, uma espécie de organização guarda-chuvas da TV pública norte-americana, dos quais somente 30 ou 40 são aprovados para financiamento por ano.

A pauta de finanças que a CPB participa

¹MACHADO, A. A arte do vídeo, São Paulo, Brasileira, 1995, p. 61.

como facilitadora de entrada de insumos externos e remanejadora dos mesmos, sejam eles *grants*, doações ou participações de patrocinadores, raramente se tornam contra os ideais de produção de programas qualitativamente elevados e politicamente corretos. Todos estes patrocinadores estão comprometidos em manter-se totalmente alheios ao processo de produção e distribuição finais, até mesmo quando assuntos mais delicados são tratados. São, na verdade, sócios e não patrocinadores de programas, e assim são reconhecidos.

Dessa forma é impraticável uma censura velada, latente ou mesmo discreta, pois nunca os grupos financiadores são diretamente informados quais sejam os roteiros dos programas, garantindo, deste modo, a sua completa isenção.

O porquê desses graus de controle que inclui a qualidade, resulta da necessidade imperiosa de mostrar, demonstrar e redemonstrar uma peça de arte visual, que, além do mais, está sendo muito bem paga para ser produzida, mesmo porque, tem custos elevados. Por isso, ela pode levar o nome de várias e importantes organizações, instituições de negócios ou de fins não lucrativos, as quais se sentem à vontade e satisfeitas com semelhante arranjo, os quais todos querem manter e reproduzir, pois assim lhes é conveniente.

Pode-se deste modo, chegar a conclusão inicial de que as qualidades ou o nível qualitativo a que se está referindo, sejam posicionados em graus de sofisticação ascendente, incluindo filtros político-econômicos, financeiros, sociais e mercadológicos, este último, em particular, ligado a previsões e a medições de níveis de audiência, aos quais a direção da CPB deve ser extremamente sensível.

Essa fórmula se não é muito simples, tam-

bém não é exageradamente complexa. Requer de todos os atores dedicação, decisão e disciplina, bem como doses espantosas de talento em sua completa realização. Paralelamente, existe uma responsabilidade contábil, a famosa *accountability* palavra que encobre muitas acepções. Por isso, o sistema tem funcionado muito bem, desde o fim dos anos setenta, e tudo indica que assim irá continuar.

3 Conclusão

Para finalizar, nas palavras de Paulo Francis com respeito a televisão, como um todo: “são vinte horas de preparação, para dois minutos de apresentação”. No que se refere a tele-documentários esta explicação nem de longe é exagerada. De fato, é extremamente precisa.

Somente numa sociedade onde valores sócio-culturais pré-existem, e que se refletem, no fundo, em bom gosto estético, a experiência do tele-documentário como gênero artístico-educativo pode vingar e frutificar como uma ferramenta tanto de lazer quanto de ensino.

As lições de como fazer um tele-documentário são de fácil acesso, mas o iniciante terá que deter-se em fazer algo cuidadosamente bem feito, com constância e disciplina, além de possuir altas doses de ética profissional e de trabalho, não se esquecendo de se manter um constante aprendizado de técnicas e uma aquisição intermitente de novas tecnologias, o que significa uma manutenção capital intensivo constante.

Acredita-se que a lição principal que se tira deste processo é que se deva experimentar sempre, valorizando-se essas experiên-

cias e aprendendo não só com acertos como também com os eventuais erros.

Este texto está publicado em *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, no. 136-137, mai-ago, 1997, pp. 20-23.